

**RESENHA**

## Sociabilidades subterrâneas

**Paulo Menis**Instituto de Ensino Superior do Sul do Maranhão (IESMA/  
UNISULMA)**RESENHA: Sociabilidades subterrâneas**JOVCHELOVITCH, Sandra. *Sociabilidades subterrâneas: identidade, cultura e resistência em favelas do Rio de Janeiro*. Brasília: UNESCO, 2013, 252 p., il..**REVIEW: Subterranean Sociabilities**JOVCHELOVITCH, Sandra. *Sociabilidades subterrâneas: identidade, cultura e resistência em favelas do Rio de Janeiro*. [Subterranean Sociabilities: Identity, culture and resistance in favelas of Rio de Janeiro]. Brasília: UNESCO, 2013, 252 p., il..

Recebido em 26/01/2016. Aprovado em 15.03.2016.

Quando se fala em favela, provavelmente a primeira imagem que surge é de um local de difícil acesso, com habitações precárias, sem serviços públicos básicos, lugar perigoso, violento etc. Favela não é isso, ou pelo menos, não é só isso. Trata-se de um local onde residem famílias que, por motivos diversos, encontraram nestes ambientes o seu espaço para habitar e conviver. É destes espaços e das famílias que neles vivem que trata o estudo, resultado de uma parceria inédita entre as instituições: Representação da UNESCO no Brasil; *London School of Economics and Political Sciences* (LSE); Itaú Cultural; Fundação Itaú Social; Central Única das Favelas (CUFA); Grupo Cultural AfroReggae e o Ministério da Cultura do Brasil.

Atendendo a um dos principais eixos norteadores da UNESCO, a promoção da paz e da sustentabilidade, o trabalho organizado pela pesquisadora Sandra Jovchelovitch, brasileira, graduada pela PUC-RS, professora catedrática em Psicologia Social e diretora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Cultural na *London School of Economics and Political Science* (LSE), contou com a coautoria da pesquisadora mexicana Jacqueline Priego-Hernandez, doutora em Psicologia Social pela mesma instituição. O estudo foi centralizado na atuação das organizações AfroReggae e CUFA, que utilizam arte, esporte e o exercício da cidadania para a transformação destas comunidades, buscando retirá-las da situação marginal e integrá-las à sociedade em geral. Para o desenvolvimento da pesquisa, transcorrida entre outubro de 2009 e fevereiro de 2010, foram escolhidas quatro comunidades populares do Rio de Janeiro: Cantagalo e Vigário Geral, associadas ao AfroReggae, e Cidade de Deus e Madureira, ligadas à CUFA.

**Torna-se patente que a pesquisa social pode ser utilizada como veículo para revelar a voz dos residentes nos morros, podendo ser comunicada, inclusive, às comunidades semelhantes no Brasil e outros países.**

No primeiro capítulo, “Por que estudar sociabilidades subterrâneas?”, é apresentada a introdução da pesquisa, onde são informados os conceitos norteadores gerais, a metodologia utilizada e é definido o conceito de sociabilidades subterrâneas: “Neste projeto, denominam-se sociabilidades subterrâneas as formas de vida social que se tornam invisíveis aos olhos da sociedade por conta de barreiras geográficas, econômicas, simbólicas, comportamentais e culturais” (p. 19). O desenho da pesquisa e o banco de dados são apresentados, mostrando o zelo na estruturação do trabalho, dividido em três estudos: o primeiro sobre a vida na favela, buscando “capturar as percepções, as representações e as experiências do morador da favela” (p. 27); o segundo sobre as organizações CUFA e AfroReggae, buscando conhecer suas identidades, métodos, razões e objetivos dos trabalhos que realizam junto às comunidades escolhidas. O terceiro, junto aos observadores externos e parceiros dos projetos, dando ênfase especial à polícia como insti-

tuição e às representações e percepções das experiências com o desenvolvimento das ações.

O Capítulo 2, “Rio de Janeiro: cidade maravilhosa, cidade partida?”, apresenta o problema, o *lôcus* da pesquisa e os atores que nele atuam. Discute-se o conceito de favela, os contrastes existentes na cidade maravilhosa entre morro e asfalto, a guerra estabelecida entre a polícia e o narcotráfico, bem como a nova política de combate à violência através das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP’s). Oferece detalhes das quatro comunidades estudadas: Cantagalo, Vigário Geral, Cidade de Deus e Madureira e suas ligações com as respectivas ONG’s. Ilustrado com fotos dos locais pesquisados, gráficos e tabelas, possibilita a comparação do crescimento da população na cidade do Rio de Janeiro com o crescimento da população nas favelas. São comparados os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) de bairros do Rio de Janeiro com os índices de alguns países. Também são demonstrados os índices que comparam a relação de pobreza existente entre o Brasil, o Rio, a favela e o asfalto. A violência é relatada através do demonstrativo da evolução do índice de homicídios de negros e brancos. Indica porque o narcotráfico tem posição dominante nas comunidades: “O narcotráfico regula, permite, interdita e comanda a vida de crianças, jovens, homens e mulheres na favela, o que explica e dá origem à expressão ‘dono do morro’” (p.45).

O terceiro capítulo, “O mundo da vida da favela”, é um mergulho profundo no cotidiano da favela e de seus moradores. Nele é constatado que, onde muitos imaginam não haver regras, existe na verdade uma cidade dentro de outra cidade, com regras próprias que, apesar de não serem escritas, constituem a sabedoria da favela e são expressas na linguagem, nos atos, nos códigos de comportamento, nas gírias etc. É relatado que as instituições sociais tais como família, igreja e Estado – através da polícia – e o tráfico de drogas, convivem e se sobrepõem. Ressalta que membros de uma mesma família podem pertencer a diferentes instituições sociais e participarem do narcotráfico: “e a mesma pessoa pode circular ou ter amigos e parentes em todas elas” (p.59). As instituições sociais são analisadas individualmente: a família é observada quanto a sua compo-

sição; a polícia (Estado), o amálgama que faz entre moradores e traficantes, dando o mesmo tratamento a todos; quanto à igreja, ressalta a grande disseminação de templos evangélicos e o auxílio e integração que estes têm com as ONG's no resgate de jovens junto ao tráfico; por fim, as ONG's "sendo mencionadas como uma fonte de ocupação, de apoio e de desenvolvimento de competências" (p. 64), agindo e assumindo vários papéis institucionais, incluindo o da família e de alguns serviços públicos. É analisado também o tráfico de drogas e a interferência na vida moral, política e comportamental nas comunidades da favela: "O tráfico de drogas é, de longe, a instituição mais significativa que define as leis e os regulamentos da favela, tanto para os indivíduos como para a comunidade" (p. 63). Constam ainda deste capítulo trechos de relatos dos moradores das comunidades que expõem seus medos, inseguranças, conquistas e suas vidas.

O quarto capítulo, "Conversando com o inimigo? Transições na relação polícia-favela", relata um estudo de caso centrado nas relações entre a polícia e a favela. Discute a relação dialógica entre os atores envolvidos, mostrando relatos das entrevistas realizadas com moradores e policiais que atuam na comunidade. A nova dinâmica da atuação policial, com a implementação das UPP's é debatida, contando inclusive com entrevistas de comandantes de UPP's e do quartel general. Segundo a pesquisa, as relações historicamente conturbadas estão mudando.

No quinto capítulo, "Novos atores, novas ações: o AfroReggae e a CUFA", são apresentadas as ONG's, suas constituições, histórias, métodos de trabalho e seus objetivos e a interação destas com as outras instituições sociais. Através dos relatos de seus integrantes (diretores e ativistas), parceiros e moradores das comunidades são evidenciados como estes atores transformam as sociabilidades subterrâneas e buscam construir modelos de integração e interação que podem ser aplicados a outras comunidades semelhantes. É dado especial ênfase ao fato de o movimento social ser oriundo da própria comunidade e não constituir uma ação exógena, vinda através de algum programa social elaborado e imposto de fora para dentro, do asfalto para o morro.

O capítulo 6, "As rotas das sociabilidades subterrâneas: trajetórias individuais e comunitárias", apresenta uma síntese dos resultados da pesquisa, mostrando que "a ação recíproca entre o contexto e o indivíduo, que caracteriza o pensamento dos moradores da favela, é imprescindível para se compreender as rotas de socialização das sociabilidades subterrâneas" (p. 178). Discute-se racismo, exclusão social, narcotráfico, enfim, a vida na favela e as ações tomadas em decorrência do contexto. São apresentadas as cartografias psicossociais de cada uma das comunidades estudadas, bem como é demonstrada a porosidade das fronteiras entre o morro e o asfalto. Apresentam-se os resultados de um estudo da porosidade de cada comunidade, classificando-as em alta, média, baixa e mínima, de acordo com o acesso da comunidade e seu entorno.

Por fim o capítulo 7, "Em direção à cidade comunicativa", é uma síntese do livro, com apresentação de conclusões e recomendações.

Apreciada a obra, fica clara a sua relevância para uma melhor compreensão da vida nas comunidades e para quem delas participa. Torna-se patente que a pesquisa social pode ser utilizada como veículo para revelar a voz dos residentes nos morros, podendo ser comunicada, inclusive, às comunidades semelhantes no Brasil e outros países. Todavia, em que pesem os inegáveis méritos da obra, a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) em nenhum momento é citada ou balizou a pesquisa realizada. Será que não existem CRAS ou CREAS nas comunidades pesquisadas? O único momento onde surge o termo assistente social é quando as pesquisadoras definem a CUFA e o AfroReggae, como "caracterizadas por uma identidade múltipla: elas combinam elementos de ONGs, de movimentos sociais, de empreendedores e de produtores culturais; são agitadores, artistas, assistentes sociais e parceiros do Estado brasileiro (p. 119).

Quando o Estado é citado sempre é à polícia que ele está relacionado, não se percebendo a atuação do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), que tem a preocupação com função protetiva das famílias, com a promoção do acesso e o usufruto dos direitos que contribuem para a melhoria da qualidade de vida. Mesmo sendo áreas, segundo a pesquisa, onde a situação de ameaça e a violação de direitos é uma constante, não foi observada, ou pelo menos relatada, a atuação do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). No estudo Sociabilidades Subterrâneas não foi apontada a quantidade de moradores em cada comunidade estudada, nem o percentual da população atendida pelos projetos das ONG's. Se estas tendem a ser bem sucedidas, atuando melhor que o Estado, seria interessante conhecer a sua abrangência: seu atendimento é amplo ou constitui pouco mais que pingos d'água no oceano?

### **Paulo Menis**

paulomenis@gmail.com

Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UNB)

Professor no Instituto de Ensino Superior do Sul do Maranhão (IESMA/UNISULMA)

**IESMA/UNISULMA**

Rua São Pedro, 11 Jardim Cristo Rei

Imperatriz – Maranhão – Brasil

CEP: 65907-070